

Aura e Ágora dos Sujeitos Tecnológicos: Diálogos com Homi Bhabha sobre a arte do teclar entre

Ana Paula Pereira Marques de Carvalho
(app_marques@yahoo.com.br)

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduação em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é coordenadora de cursos, eventos e publicações da extensão na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tecnologia Educacional.

“Não há nada que à primeira vista seja menos negociável que o gozo. Com sigilo e singularidade, o momento do gozo transforma a longa labuta da devoção, sagrada ou amorosa, no arrebatamento súbito do agenciamento humano. Se o gozo é transcendente, ele também é subliminar”.

Homi Bhabha, *O Bazar Global e o Clube dos Cavaleiros Ingleses*, p. 95

A citação de Homi Bhabha (2011) implica na tentativa de traduzir “negociação” e “gozo”, um em relação ao outro, entrelaçando-os e emaranhando-os como uma ponte possível entre o que há de mais íntimo em cada indivíduo e as necessárias negociações da vida cotidiana. Em suas considerações literárias, Bhabha (2011) nos brinda com uma descrição muito delicada sobre o gozo como um sublime sequestro, uma cesura da vida cotidiana. Por outro lado, ressalta que a negociação revela a habilidade dos sujeitos de articularem diferenças no espaço e no tempo, de mediar o que parecem ser valores incomensuráveis ou realidades contraditórias. O gozo irrompe com uma experiência inefável e a negociação insiste na necessidade da narrativa na qual os seres humanos se mostram uns aos outros.

Neste sentido, segundo Bhabha (2011), o gozo e a negociação ocupam lugares em mundos diferentes. “O mundo do gozo é a palavra dentro de uma palavra, incapaz de dizer nenhuma palavra, o *self* capitulado à sublimidade do não *self*.” (BHABHA. 2011. p. 97). A negociação desvela o mal estar, a tensão como produção entre sujeitos, movimentando-se na passagem que vai da aura do gozo à ágora. Parafraseando Bhabha (2011), as palavras “aura” e “ágora”

objetivam expor exatamente a tensão, inerente ao processo de negociação, entre dois elementos do plano tecnológico: a “aura”, associada ao sublime individual, e “ágora”, lugar de inscrição temporal dos sujeitos no mundo prosaico do cotidiando. Algo que é revelado entre duas esferas, um entrelugar mediatório. Esse entrelugar mediatório nos coloca face a face com as narrativas da tecnologia – o processo de articulação da aura e da ágora, ligando o sublime com a localização temporal do usuário. A tecnologia aqui concebida é a ponte entre a aura e a ágora, em que ambos estados do ser e do significar se confrontam com a alteridade nos limites de seus campos discursivos.

Sob essa perspectiva, Bhabha (2011) nos brinda com a possibilidade de entender a relação do “teclar entre” como uma relação permeada por sentidos e significados advindos de um universo mediado pela tecnologia, através do qual o usuário significa a relação consigo mesmo, com o outro e com os diversos contextos virtuais. Na relação dos sujeitos com essas maravilhosas matizes culturais, a negociação envolve diferentes linguagens, ações, processos de significação, já mencionados, interpretação e representação, a partir de um espaço-tempo disjuntivo, em que passado, presente e futuro se entrecruzam. E entre o fugaz ato de teclar e a posição do usuário a partir da qual uma narrativa pode vir a emergir, recorremos a Brueghel e Auden (*apud* BHABHA, 2011) para observar que nesse processo “entre”, há um movimento de tradução, revisão, reconhecimento, comunicação e circulação de sentidos.

Contudo, Bhabha ressalta que esses autores, ao reconhecerem o fluxo de ideias que se movimentam entre obras de arte e espectadores (foco de seus estudos), eles se depararam com a promissora constatação de que nessa mediação existe uma ameaça originária da arte. Corroboramos com Bhabha sobre a impossibilidade de manutenção do original nesse processo de produção de sentidos. No caso dos sujeitos tecnológicos que manuseiam a arte do teclar, há um apagamento da autenticidade de ideias entre a negociação do gozo tecnológico e a áura da interpretação. Isto porque a interpretação, quase literalmente, leva o trabalho de dentro para fora: ela enuncia os múltiplos campos da significação numa rede de trocas em que há choques de representações concorrentes. Ainda com base no autor, a

interpretação é um conjunto de intercâmbios, uma rede de trocas e opções, uma negociação entre sociedades de responsabilidade ilimitada.

Essa interpretação desvela um trabalho “inter” e uma forma de agenciamento do sujeito virtual no qual a intermediação se torna o processo de intersubjetividade, a teia de comunicação entre sujeitos e dos sujeitos com a tecnologia. O desvelamento do agenciamento na linguagem e na representação virtual, alcançado através da absoluta dissimetria entre o signifiante e o significado também é um deslocamento de qualquer relação binária entre sujeito e tecnologia. Isto porque a interpretação levanta as questões mais profundas sobre a “autoridade” da tecnologia, pois abre a perspectiva ambivalente do “dentro/fora”, revelando as localizações disjuntivas e liminares que tanto asseguram a sobrevivência da tecnologia quanto atenuam a sua soberania.

A interpretação exprime a necessidade de relacionar tecnologia como representação das questões mais amplas da própria cultura e enseja o questionamento sobre o que está contido dentro e fora do domínio da virtualidade. Mais ainda, instiga-nos a pensar sobre as próprias fronteiras negociáveis entre o virtual e o real, a relação entre o fato e a fabulação que nos fazem encarar a ambivalência entre dois mundos, o incomensurável e o despercebido que coexistem nos ambientes virtuais (AUDEN *apud* BHABHA, 2011).

Hannah Arendt (1981) apresenta uma importante genealogia do “interesse” que faz eco com a revisão do gozo como “falar entre” a aura e a ágora proposto por Bhabha (2011):

A ação e o discurso ocorrem entre os homens, na medida em que a eles são dirigidos, e conservam sua capacidade de revelar o agente (...). Esses interesses constituem, na acepção mais literal da palavra, algo que “inter-essa”, que está entre as pessoas e que, portanto, as relaciona e interliga. Quase sempre o discurso e a ação se referem a essa mediação (...). Mas, a despeito de toda a sua intangibilidade, essa mediação é tão real quanto o mundo das coisas que visivelmente temos em comum. Damos a essa realidade o nome de “teia” de relações humanas, indicando pela metáfora sua qualidade, de certo modo intangível.

É em virtude dessa teia preexistente de relações humanas, com suas inúmeras vontades e intenções conflitantes, que a

ação quase sempre deixa de atingir seu objetivo; mas é também graças a esse meio no qual somente a ação é real, que ela “produz” histórias, intencionalmente ou não, com a mesma naturalidade com que a fabricação produz coisas tangíveis (...) Em outras palavras, as histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, isto é, é seu ator ou seu sofredor, mas ninguém é seu autor. (ARENDR. 1981. p. 195)

Arendt (1981) revela a natureza enigmática da “mediação” e o caráter ambivalente do agenciamento social. Bhabha (2011) observa que a negociação é uma atividade capaz de revelar o agente e o seu desvelamento só pode ser realizado em conexão com uma teia já existente de relações que estabelece um horizonte de expectativas onde o sujeito busca no outro aquilo que lhe falta. Por conseguinte, o sujeito tecnológico transita entre o cotidiano e o virtual, mas se localiza na mediação, no meio de sua própria produção como agente das suas intenções ao navegar nos ambientes virtuais, buscando a sua **provisória** plenitude ou possíveis respostas ao seu cotidiano.

O sujeito tecnológico está duplamente inscrito nas produções intersticiais que nunca são as mesmas. Está sempre produzindo o diferente do diferente, interpretando e reinterpretando mensagens e transitando por janelas infindáveis. Podemos dizer que a *différance* de Derrida (*apud* Skilar, 2008) está presente nesse processo de negociação que se caracteriza pela enunciação de sentidos dos sujeitos com a tecnologia. As concepções, as interpretações nunca serão as mesmas e nunca cessarão, produzindo a diferença da diferença. E, nas fissuras, vão se hibridizar a outras interpretações, promovendo sentidos outros (BHABHA, 2011). O híbrido é aqui entendido, não como uma mistura, mas como o nem um nem outro que se demarca nas ambivalências da relação com a tecnologia e inaugura um espaço "entre". Um "entrelugar", a “dobra”, o “duplo” por onde transitam as negociações das diferenças, enunciação, produção de sentidos que se estancam, contingencialmente, produzindo uma ideia outra.

Uma narrativa da duplicação e da repetição aparece no poema de São João da Cruz, escrito por Bill Viola (*apud* BHABHA, 2011):

Para chegar ao prazer que você não tem,
Deve pegar o caminho que não aprecia,
Para chegar ao conhecimento que você não tem,
Deve pegar o caminho que não conhece.

(VIOLLA *apud* BHABHA. 2011. p. 110)

Segundo Bhabha (2011), os poemas de São João falam com frequência em voar por sobre as montanhas e as fortificações. A repetição de espaços e imagens tende para certa identidade entre sujeito e objeto, o *self* e o outro, a mente e o assunto, que transcende e apaga a individualidade na epifania. Por outro lado, a segunda estrofe aponta que o caminho do desconhecido é o meio para se chegar ao conhecimento que a pessoa não tem. Podemos relacionar esse chegar ao conhecimento com o processo de intermediação do ato de teclar entre. O “caminho que não conhece” faz ressaltar a questão, já citada, da intermediação em nome do interesse humano e do lugar do internauta. No âmbito dessa leitura, os duplos – espaços virtuais – estão mais relacionados com o problema da produção e com a posição do usuário navegador.

É a janela vazia, o *esvaziamento* da janela – nem luz nem escuridão, nem tela nem “vista”, nem palavra nem imagem – que se torna o lugar da teia humana, pois como Viola diz da videoarte, “o nível de uso da ferramenta reflete diretamente o nível do usuário. (BHABHA. 2011. p. 113)

Então, através do vazio das pequenas janelas, dos inesgotáveis cliques, que os sujeitos tecnológicos se tornam intermediários, “vendo entre” as diferentes escalas dos mundos longínquos e inimagináveis. E a contínua navegação que se segue é do *inter-esse* dos sujeitos tecnológicos no sentido que Arendt (1981) emprega do termo. Pois, quando esse sujeito se coloca no processo de navegação por entre janelas, há de repente o ruído da enunciação. Acontece um certo “falar entre”. O gozo da negociação que se o usuário perder, ele vira a página, abre outra janela, escuta, olha, navega, clica pois acontecerá de novo, e de novo, e de novo, e de novo.

CONCLUSÃO

Homi K. Bhabha é um dos principais pensadores do século XXI no campo dos estudos culturais. Ele passeia por entre as diversas ciências humanas, partindo da teoria literária e chegando à política, investigando como se colocam as noções de indivíduo, comunidade e nacionalidade nos países que um dia foram colônias e hoje ainda se encontram divididos segundo as diversas estruturas de poder.

A discussão que Bhabha promove sobre a produção de sentidos nos espaços intersticiais, nas fissuras, nas fronteiras, através dos processos de negociação, é especialmente interessante para reflexões acerca da contemporaneidade e dos sujeitos considerados nativos digitais que lidam com as promissoras matizes de um universo cibernético. Aventuramo-nos nas concepções de gozo, aura e ágora como contribuição para o entendimento dos diferentes modos de diálogo que vão sendo tecidos no emaranhado tecnológico. "Navegar" tornou-se a extensão da vida humana, promovendo a curiosidade sobre o desconhecido e aguçando as metamorfoses por entre lugares longínquos e inimagináveis. Por isso, finalizamos o texto com mais uma citação de Bhabha (2013) que descortina a tecnologia como um caldeirão de possibilidades, o "além", o "Terceiro Espaço":

O "além" não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado...Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos do meio século, mas neste "fin de siècle", encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no "além": um movimento exploratório incessante, que o termo francês "au-delà" capta tão bem - aqui e lá, de todos os lados, "fort/da", para lá e para cá, para frente e para trás (BHABHA. 2013. p.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 1981.

BHABHA, Homi K. **O Bazar Global e o Clube dos Cavaleiros Ingleses**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

_____. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SKILAR, Carlos (org.). **Derrida e a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.